

# GEORGES GUSDORF E A AUTOBIOGRAFIA

Brigitte Monique HERVOT\*

**RESUMO:** Partindo da premissa de que existe uma carência de reflexões teóricas acerca da autobiografia, em língua portuguesa, propomo-nos elaborar um trabalho abordando esse tema por meio da obra de Georges Gusdorf (1912-2000), um dos estudiosos franceses mais expressivos nesse campo, que, ao lado de Philippe Lejeune, Georges May e Jean Starobinsky, se destaca pela sua vasta produção teórica centralizada na questão das escritas do eu. Esse estudo visa difundir a obra do autor no Brasil, bem como proceder a uma análise crítica das questões mais pertinentes relativas ao gênero autobiográfico, tais quais as origens e os limites imprecisos do gênero, a verdade e a sinceridade, o tempo e a memória, o auto-conhecimento do sujeito e o conhecimento do mundo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Georges Gusdorf. Autobiografia. Escritas do eu.

Sempre existiu no homem um desejo de dar testemunho de sua existência, fazendo-o sob inúmeras e diversas formas. Dentre elas, a escrita autobiográfica é, e sempre foi, uma das mais cultivadas. Contudo, pouco se tem escrito a respeito dela, sobretudo em língua portuguesa. Partindo da premissa de que existe essa carência de reflexões teóricas acerca da autobiografia, propomo-nos elaborar um trabalho abordando esse tema por meio da obra de Georges Gusdorf, um dos teóricos franceses mais expressivos nesse campo, que, ao lado de Philippe Lejeune, Georges May e Jean Starobinsky, se destaca pela sua vasta produção teórica centralizada na questão das escritas do eu.

Tratar da autobiografia passa obrigatoriamente pela discussão do conceito de identidade, e antes de adentrar essa questão no âmbito da narrativa autobiográfica, buscaremos tecer algumas considerações sobre as origens desse conceito. Segundo Maria Daraki (1983), o problema da identidade surge nos primórdios da civilização helênica em que se celebrava o culto a Dioniso. Para ela, nessa sociedade, ignoravam-se as fronteiras entre os deuses, os animais e os

---

\* UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Departamento de Letras Modernas. Assis – SP – Brasil. 19806-900 – biche@uol.com.br

homens. Por exemplo, certas práticas de então, como a de comer um animal recém abatido sem cozê-lo, comprovam a não demarcação dos limites entre o homem e o animal. Do mesmo modo, o homem buscava viver com *enthousiasmos*, o que literalmente significava “ter deus em si”, fundindo, portanto, o humano ao divino. Nesse mundo, predominava não a exclusão, mas sim a ideia de circularidade, isto é, tudo se movia dentro de um círculo em eterno recomeço, no qual a figura do eu não ocupava uma posição de destaque e nem gozava de autonomia.

Ainda na Grécia, na época arcaica que se estende do século VIII ao século V, duas correntes de pensamento vão contribuir para a origem da noção de identidade: a do homem voltado para a sociedade e a do homem voltado para o transcendental. A primeira, que vai de Homero a Aristóteles, preconiza ser o homem uma realidade captada pelo olhar social, definida a partir do exterior, visando estabelecer regiões fronteiriças entre deuses, homens e animais; a outra, que se estende dos Magos Gregos – figuras meio históricas, meio legendárias, que segundo alguns historiadores seriam os predecessores dos filósofos – até Platão, concebe o homem como um binômio: um corpo terrestre de natureza efêmera e sem valor que se contrapõe a uma alma eterna e valiosa. Mesmo que comece a esboçar uma noção do homem interior, essa corrente fixa-se mais sobre a vida transcendental ao buscar construir uma identidade modelo voltada para uma outra dimensão.

Se, até então, existia a figura do cidadão, no século IV, começa a se delinear a do indivíduo. Na filosofia, é o estoicismo que vem colaborar para tal. Os defensores desse movimento aprofundam a noção do homem interior ao destacar a existência e a pluralidade dos estados emocionais e afetivos do ser humano e ressaltam a importância desses elementos sem considerá-los inferiores, contrariando, desse modo, a teoria da supremacia da razão exemplar. Definem, pois, o homem como um ser psicológico movido e dominado pelas paixões, e por essa razão, marcado pela sua tragicidade. Ao reconhecer que o homem comum se deixa levar pelas suas paixões, os estoicos vão buscar a figura do sábio, como aquele que resiste ao apelo das emoções. Assim, mesmo demonstrando um pensamento mais liberal, ao constatar a importância das paixões, esses filósofos acabam por recair numa visão igualmente elitista do homem ao preconizar um modelo ideal, ou seja, o do sábio que se fecha para o mundo dos sentidos em sua torre de marfim. Dessa forma, o eu sensível é totalmente neutralizado, mas não eliminado, já que permanece prisioneiro no interior desse indivíduo considerado superior. Abstrair-se do corpo não significa

mais deixá-lo como propunham os platônicos, mas sim dominá-lo. Em resumo, como diz a autora, uma escalada de exclusões acompanha a elaboração grega da identidade. O eu se define primeiro pela exclusão dos outros, depois pela exclusão do corpo e, por último, pela exclusão do homem como corpo e alma.

Quanto às origens do conceito de identidade, vale dizer que Gusdorf não se detém minuciosamente nesse aspecto. Apenas avalia, fundamentado nas grandes teorias filosóficas da Antigüidade grega, que o indivíduo dessa época não tinha uma autonomia completa, pois estava subordinado a uma lei universal não voltada para os mistérios da vida interior. Desse modo, priorizava-se, segundo ele, a figura harmoniosa do homem enquanto cidadão da *polis*, o qual não podia ferir os preceitos de uma moral coletiva. Essa ideia já estava presente no artigo “*De l'autobiographie initiatique au genre littéraire*” (GUSDORF, 1975, p.968), no qual o autor afirma que o homem

*[...] ne se connaît lui-même que comme un élément subordonné, une sorte de rouage dans le système rationnel et totalitaire du cosmos, régi par les astres-dieux dont le déterminisme souverain met en place chaque aspect, chaque moment de chaque individu dans le déploiement harmonieux et providentiel de l'univers.*

Se Gusdorf não aprofunda em sua obra a origem do conceito de identidade, em contrapartida, volta às origens históricas das escritas do eu em vários textos. Para tanto, remonta também ao berço da civilização ocidental, referindo-se ao célebre aforismo *Conhece-te a ti mesmo* inscrita no templo de Apolo em Delfos, cujo significado, conforme esclarece, tem uma origem religiosa: dirigia-se aos peregrinos que vinham pedir proteção e graças aos deuses. Foi mais tarde que esse sentido religioso cedeu lugar a um valor filosófico, com sua apropriação por Sócrates. O autor destaca que vestígios dessa máxima podem ser observados ao longo da tradição ocidental, seja no domínio da espiritualidade pagã, seja no da cristã, a qual se inspira nas fontes da tradição helênica.

Deixando um pouco de lado o primeiro campo, debruça-se sobre os textos religiosos iniciando suas reflexões com uma rápida retrospectiva das obras dos padres fundadores da Igreja católica. Com relação à época que antecede as autobiografias no sentido moderno da palavra, Gusdorf tece comentários apenas para mostrar como o gênero vai germinar nesses primeiros séculos da era cristã. Para ele, com a passagem da civilização grega para a cultura cristã, o foco central do pensamento já não se concentra mais no *cosmos*, mas se dirige para o plano do universo religioso. Por essa razão, o homem ainda não alcança a emancipação de sua própria consciência, uma vez que permanece sob a tutela

da religião, passando a relação do homem com o mundo para a crença em Deus. Escrever sobre si é um ato de confissão em que o crente procede a um exame de consciência de seus atos diante do Criador. Essa experiência nova de espiritualidade presente no cristianismo faz emergir uma nova antropologia. Como afirma Gusdorf (1991c, p.12),

*Cada uno es responsable de su propia existencia, y las intenciones cuentan tanto como los actos. De ahí el interés nuevo por los resortes secretos de la vida pessoal; la regla de la confesión de los pecados viene a dar al examen de conciencia un carácter ala vez sistemático e obligatorio.*

Para ilustrar melhor essa tradição das confissões escritas pelos padres católicos, o filósofo destaca entre outros o nome de Santo Agostinho e afirma que esse é o modelo de um pensamento de investigação introspectiva cujo caráter religioso não influencia positiva ou negativamente a exploração do espaço interno. Assim, para ele, o que é importante nessas experiências confessionais, não é o seu valor religioso, mas sim seu valor de instrumento de análise psicológica, eficaz e fecundo. Acrescentaríamos que Santo Agostinho foi um dos primeiros a enfocar temas centrais para a compreensão das escritas do eu, já que introduz em sua obra vários temas tais quais: a discussão do valor ontológico da memória, a espacialidade dessa como receptáculo do eu, a noção do tríplice presente – um tempo não linear, nem compartimentado, que mescla o passado, o presente e o futuro –, e a não separação do tempo da interioridade psíquica, conceitos sobre os quais voltaremos mais adiante.

Afastando-se da Idade Média, Gusdorf dedica-se a uma época determinante para o gênero autobiográfico, a do renascimento humanista, no século XVI. Traçando o perfil dessa época da história cultural, o autor lembra que é sobre as ruínas da síntese escolástica medieval que se esboça uma nova inteligibilidade acerca do indivíduo, não mais presa ao controle dos teólogos da Igreja. Ratifica a definição dos historiadores segundo os quais o humanismo designa um estilo novo de vida e assinala como fundamental essa atitude em dar prioridade à forma humana e à relação que o homem tem consigo mesmo. Ainda que preservem as crenças na existência de Deus, pois “*la paideia renaissante demeure chrétienne.*” (GUSDORF, 1975, p.970), trata-se, para os humanistas, de celebrar a dignidade e a excelência do homem visto como um *alter deus, secundus deus*, no dizer de Gusdorf.

Essa crença em Deus já está presente na obra de Montaigne, o qual Gusdorf elege como outro nome ilustre do gênero autobiográfico. Embora a

relação com a divindade não seja a razão que mobiliza o autor dos *Ensaio*s a proceder ao autoescrutínio, como no caso das *Confissões* de Santo Agostinho, o crítico entende que “*Montaigne n'a pas tué Dieu, et ne manifeste aucune intention de le tuer.*” (GUSDORF, 1975, p.970) Admite a existência de marcas do estoicismo cristão no escritor francês, mas assinala que os traços da culpabilidade agostiniana já não estão mais presentes. Acrescenta ainda que esse distanciamento em relação às imposições teológicas aumenta a autonomia de reflexão por parte de Montaigne a respeito de si mesmo.

Mais significativo do que esse aspecto, para Gusdorf, a relevância de Montaigne reside em seu caráter inovador, pois

*Son cas est unique à sa date, en ceci qu'il s'est pris lui-même dans l'usage d'une vie quotidienne sans illustration particulière comme matière de son œuvre. L'auteur du livre est le sujet du livre; il fait le tour de soi comme les navigateurs de l'époque faisaient le tour du monde, entreprise aussi hardie en son genre, aussi neuve, et nécessitant de bien moindres frais.* (GUSDORF, 1991a, p.37).

Destaca ainda que os *Ensaio*s concretizam uma dupla finalidade dos autobiógrafos: ao compor um autorretrato, o escritor não procura apenas se conhecer, como também oferece ao leitor uma forma de se autoconhecer por meio da leitura. Em resumo, a importância dos escritos autobiográficos de Montaigne está no fato de ilustrarem essa tentativa nova do autor que, ao se descrever, logra revelar um retrato sutil e complexo do homem como um ser múltiplo, mutável e até inacessível. Daí a modernidade de seus *Ensaio*s que já antevem o que dirá Freud, séculos depois, acerca dessa natureza multiforme do homem e de sua impossibilidade em se atribuir uma estabilidade, uma unidade e um contorno coerente a respeito de si mesmo.

Embora ressalte o legado dos grandes nomes da literatura do eu, Gusdorf não deixa de lado outras produções de índole confessional as quais, segundo ele, também contribuem para a compreensão da história da autobiografia. Assim sendo, esclarece que a partir de uma nova orientação da consciência religiosa, desabrocha, no século XVII, uma forma literária despojada de preocupações estéticas ou de interesses mercadológicos que se restringe ao espaço da vida privada por se destinar exclusivamente a esse espaço. Trata-se de uma literatura de índole religiosa marcada pela influência das doutrinas católicas como o quietismo e o molinismo, e da doutrina luterana, o pietismo. Essas correntes permitem ao homem mergulhar na sua própria intimidade por meio da escrita, sempre tendo em vista a edificação da alma e o contato com a divindade, já

que a relação com Deus era o fundamento da identidade pessoal. Em outras palavras, a literatura do eu não pode prescindir da produção religiosa desse século que, segundo o crítico, é a fonte de muitos textos autobiográficos posteriores. Conforme esclarece, “[...] *l’histoire de l’autobiographie en Europe, et plus généralement celle de la littérature du Moi sous ses formes diverses, demeure incompréhensible en dehors de cette nouvelle orientation de la conscience religieuse affirmée dès le XVII siècle.*” (GUSDORF, 1975, p. 979).

Nesse exato ponto, discorda da maioria dos teóricos mais conceituados do gênero que considera o contexto socioeconômico – o advento da civilização industrial e a ascensão da burguesia na Europa – como causa do nascimento da autobiografia. Assim, Gusdorf defende que não é esse elemento que vai marcar a literatura do século XVIII, em especial, a de Rousseau. Se, em seu estudo sobre as origens da autobiografia, Philippe Lejeune aponta, como a maioria dos estudiosos, as *Confissões* como o marco inicial das escritas do eu, para nosso crítico, tal colocação não procede, pois Rousseau, segundo ele, sempre deu provas de querer se distanciar do mundo industrial, civilizado e moderno. Insiste em dizer que, na verdade, seria a literatura religiosa do século XVII que estaria nas origens do gênero.

Resta explicitar, independentemente dessa polêmica das origens, qual a relevância da obra de Rousseau para as escritas do eu. Mesmo que considere a importância das marcas religiosas, presentes até mesmo no título, Gusdorf não deixa de ressaltar que “*Les Confessions réalisent pour leur part, d’une manière indépendante, la désacralisation de l’espace du dedans.*” (GUSDORF, 1975, p.993). Doravante, a autobiografia entra no campo da arte literária e, assim como o romance, procura desvendar o ser humano. Dessa forma, é a partir de então que o eu assume uma posição de destaque, pois expressa a verdade do sujeito, acionando os recônditos da memória para recuperar aquilo que adormece no passado. Graças ao recolhimento, Rousseau logra satisfazer seu desejo de contemplação interior, inscrevendo seu ser nas linhas do texto que constrói, como atestam suas declarações do livro VII das *Confissões*:

[...] *l’objet propre de mes confessions est de faire connoître exactement mon intérieur dans toutes les situations de ma vie. C’est l’histoire de mon âme que j’ai promise, et pour l’écrire fidèlement je n’ai pas besoin d’autres mémoires: il me suffit, comme j’ai fait jusqu’ici, de rentrer au-dedans de moi.* (ROUSSEAU, 1959, p.278).

Uma vez discutido o conceito de identidade e o das origens do gênero, convém fazer um breve comentário acerca da origem do termo e dos limites

que caracterizam a autobiografia. Conforme Gusdorf, a aparição do termo teria se dado em 1798, em língua alemã, na obra de Frédéric Schlegel. Em contrapartida, para Georges May, o termo teria surgido sob a forma inglesa “*autobiography*”, em um artigo do poeta inglês Robert Southey em 1809. Se, a respeito da origem do termo, já se encontram dificuldades para se chegar a um consenso, mais controversa ainda é a questão do gênero. Para May a dificuldade em se definir a autobiografia como gênero deve-se ao fato de ser ela “[...] *un genre récent, peut-être le plus récent, en tout cas trop récent sans doute pour être déjà un véritable genre.*” (MAY, 1979, p.206). De fato, os críticos franceses parecem mais preocupados em elucidar as diferenças e semelhanças entre o leque de modalidades da literatura íntima, como o diário, as memórias, a biografia, o romance autobiográfico e a própria autobiografia, do que em questionar a existência desta última como gênero, como no caso do estudioso acima citado.

Georges Gusdorf, embora utilize a denominação de gênero, prefere chamar as várias formas de literatura íntima de “*escritas do eu*”, porque acredita serem elas epifanias do ser individual que não se excluem, mas que podem se complementar, e assim possibilitar a um autor – que escreve a história de sua vida – o uso de mais de uma delas. Em diversos momentos, esclarece que:

[...] *les écritures du moi ne forment pas de filières indépendantes les unes des autres; les diverses expressions de la première personne communiquent entre elles à la source, – témoignages d'une même anthropologie culturelle; la conscience de soi s'ouvre des voies afin de parvenir d'une manière ou d'une autre au jour de l'incarnation écrite.* (GUSDORF, 1991a, p.239).

Gusdorf, na qualidade de filósofo voltado para a hermenêutica das escritas do eu, faz uma crítica cáustica a certos estudiosos da literatura que, estreitamente centrados nos gêneros literários, se arrogam o direito de estabelecer “[...] *des lignes continues qu'il est interdit de dépasser sous peine de contravention.*” (GUSDORF, 1991a, p.240). Ele acrescenta que as análises que visam determinar o gênero de uma obra não são inúteis, entretanto alerta para o papel que essas análises devem desempenhar, o de tentar elucidar a significação e a intenção de uma obra e não o de rotulá-la arbitrariamente para inseri-la numa determinada convenção. Assim sendo, devem ter como postulado inicial o fato de que as escritas do eu formam um campo unitário no interior do qual não se podem estabelecer compartimentos estanques. Ainda, segundo ele, cabe ao crítico discernir aquilo que é próprio e imanente a uma obra para desvendar suas linhas de força, pois “[...] *réduire les écritures du moi à des genres littéraires,*

*ce n'est pas avoir reconnu qu'elles ont une fonction spécifique au sein même de l'être humain, dont elles exposent certains affleurements, chair à vif de l'esprit incarné dans la lettre.*" (GUSDORF, 1991a, p.291).

É importante ressaltar, para concluir esta parte, que Gusdorf não só discorre sobre as escritas do eu, como também defende a existência do eu se contrapondo a alguns pensadores contemporâneos que negam a própria existência e a singularidade do sujeito, entre os quais Foucault, Barthes, Lacan e até mesmo Lejeune. Para esses, quando alguém escreve sobre si, não é sua individualidade que dita o texto, mas uma entidade representativa de um coletivo do qual o eu é apenas um porta-voz. Ou como diz Gusdorf (1991a, p.88),

*[...] toute référence à une variété quelconque d'humanisme sera interprétée comme une illusion réactionnaire, inspirée par des préjugés traditionnalistes. Ainsi est justifié le paradoxe apparent de ces études sur la littérature du moi, d'où l'on s'ingénie à exclure toute présence du moi, réduit au statut de parasite récurrent, ou plutôt de spectre, de revenant qui hante les cimetières.*

Cabe, a partir deste momento, entrar na discussão das questões fundamentais ligadas à autobiografia. Em primeiro lugar, lembramos que o gênero autobiográfico pressupõe um pacto referencial que inscreve o texto no campo da expressão da verdade. Por essa razão, examinaremos a problemática da verdade e da sinceridade, ou melhor, da intenção de verdade, concomitantemente com a questão da memória. A maior parte dos autobiógrafos expressa o propósito de dizê-la no relato da própria vida. A premissa principal de Gusdorf acerca desse tema é a de que a verdade reside não nos fatos, mas sim na vida interior do homem. Entende que a autobiografia não precisa seguir a ordem cronológica da vida externa, mas sim buscar o sentido da vida interna. Por exemplo, para ele, pouco importa se Rousseau mentiu, esqueceu ou escondeu algo, já que a verdade autêntica é a dos sentimentos que perpassa pela linguagem poética, “[...] *car il est des circonstances où la poésie est plus vraie que la vérité.*” (GUSDORF, 1991b, p.462). Assim, aquele que redige, ao manifestar a visão pessoal de seu ser íntimo, efetua uma recomposição de sua individualidade, modificando seu estatuto existencial, sem contudo escapar de certas discrepâncias ou de inconsistências que acabam por revelar mais sobre as intenções profundas da interioridade. A vida relatada é marcada por um embate constante entre o consciente e o inconsciente, embate que sempre resulta em negociações, passando pela escrita a qual Gusdorf designa de “alquimia espiritual”. Trata-se de reordenar e transformar um material bruto

que, muitas vezes, esconde por trás de evidências reais, a multiplicidade interna do sujeito. Para Gusdorf, é essa reordenação que constitui a intenção mais constante das escritas do eu. Reordenação, ou melhor, autocriação, no sentido em que o homem não recupera de modo passivo os elementos do passado que lhe permitem reconstruir seu ser íntimo, não como foi ou como é, mas como acredita ser ou ter sido. Em outras palavras, “*El carácter creador y edificante así reconocido a la autobiografía saca a la luz un sentido nuevo y más profundo de la verdad como expresión del ser íntimo.*” (GUSDORF, 1991c, p.17).

Diante de tudo isso, é fácil aceitar os argumentos do crítico quando diz que é impossível haver uma precisão rigorosa da verdade na autobiografia. Para ele, não existe uma verdade absoluta visto que a recuperação de uma vida nunca tem fim e pode ser retomada, reconsiderada e reinterpretada por meio da imaginação que inventa e preenche as lacunas deixadas pela memória. Por essa razão, a necessidade do homem de recorrer à imaginação, quer no presente ou no passado, para lançar-se além dos limites que a realidade lhe permite. Ele pondera que o recurso à imaginação não provoca um desvio do sentido verdadeiro de uma vida, mas apenas o complementa e o eleva a um grau de plenitude. Assim, como afirma o crítico francês, a literatura íntima possibilita um desdobramento da vida, cuja verdade representa para seu autor uma espécie de revanche sobre as insuficiências que são próprias da realidade. A autobiografia se constitui como “*un espace intermédiaire entre le réel et l’imaginaire*”, como uma “[...] *résurrection du passé à partir d’un prélèvement sur la masse flottante de ce moi virtuel, fait de songe et de réalité, de souvenir et d’imaginaire.*” (GUSDORF, 1991b, p.475).

Portanto, Gusdorf entende que não pode haver uma transparência autobiográfica perfeita, mas apenas várias perspectivas de uma busca que nunca chega a ser “*uma epifania total*”. Por isso também a afirmação categórica do crítico em relação à melhor abordagem das escritas do eu: “*Le seul mode de lecture qui leur soit vraiment adapté est une critique anthropologique.*” (GUSDORF, 1991a, p.143), pois como diz reiteradamente, o que importa nessas obras, não é tanto seu valor sócio-histórico nem literário, mas sim seu valor humano. Mesmo mal redigido, um documento autobiográfico pode conter um interesse maior. As considerações propriamente literárias, de ordem subalterna, perdem sua relevância diante da complexidade do ser íntimo que procura, através da escrita, encontrar a sua verdade, seja com ele mesmo, com os outros ou com Deus.

Falar de verdade implica também em discutir a questão da memória. Discorrendo mais especificamente sobre os mecanismos da memória, Gusdorf

(1951) esclarece que a partir deles se pode proceder a uma distinção entre duas modalidades: a concreta e a abstrata. A primeira dispõe de nós e ressuscita de modo inesperado um momento do passado na integridade de sua sensação inicial, ao passo que a segunda incide sobre um ponto preciso de uma determinada situação, apresentando um caráter de natureza mais pragmático, como seria, por exemplo, a lembrança do compromisso de telefonar a alguém a uma determinada hora. Em *Mémoire et personne*, Gusdorf (1951) ressalta o papel decisivo que a memória exerce nessa busca da verdade, salvaguardando os acontecimentos marcantes da existência, e, sobretudo, fazendo entrever neles os fundamentos da nossa personalidade. Por ela fornecer os traços de nossa identidade, é que Gusdorf (1951, p.256) define a memória como “[...] *une sorte de portrait de ce que nous sommes, composé avec les traits de ce que nous fûmes.*” Contudo, chama a atenção para o fato de que o legado das lembranças traz para o indivíduo um conhecimento apenas parcial de si mesmo, já que só é possível obter uma visão aproximativa da realidade objetiva inicial, como a de qualquer outro momento da vida. Perpassa por meio da lembrança não só uma imagem daquilo que o sujeito foi, mas também daquilo que poderia ter sido se os fatos tivessem sido outros. Mesmo que a memória seja incompleta, isso não impede o sujeito de reviver certas situações do passado na totalidade do momento original, quando a lembrança ressurgue de modo involuntário. Tal observação remete diretamente para a célebre passagem da “*madeleine*” em *Du côté de chez Swann* em que o narrador proustiano, ao comer esse bolinho, revive na plenitude instantes preciosos de sua infância. Proust que soube extrair das experiências passadas uma das obras mais famosas da literatura universal não foi o primeiro a seguir esse caminho, pois antes dele, Chateaubriand e Nerval, entre outros, já o haviam percorrido.

Quanto às sensações olfativas, gustativas, visuais que funcionam como veículo de revelações, Gusdorf alerta que elas, na verdade, acabam por se apagar dando lugar à realidade que trazem de volta, ou seja, uma parte de nós mesmos. Ressalta que as lembranças despertas são movidas por “[...] *une nécessité intrinsèque beaucoup plus significative de nous-mêmes qu'un simple enchaînement de sensations.*” (GUSDORF, 1951, p.118). Isso significa que se a sensação encontrou terreno fértil para fazer renascer uma imagem, é porque motivações internas que mantêm nosso ser interior interligado a nosso ser atual se dispuseram ou se mobilizaram para tal. Portanto é fundamental compreendermos que, quando vislumbramos momentos já vividos, não estamos desenterrando apenas o que fomos, mas o que continuamos a ser:

*Si je trouve tant de chaleur et tant d'intensité à l'évocation de ce que je fus, c'est que je le suis encore, sous les espèces du regret ou de l'espérance ou de la fidélité. Le souvenir intervient comme un terme dans le langage de moi à moi-même, messager d'une exigence ou d'une insatisfaction ou d'une certitude.* (GUSDORF, 1951, p.121).

Contudo a memória corre o risco de nem sempre poder fixar tudo. Só a escrita tem a capacidade de salvar para sempre as lembranças e assim assume uma importância significativa, a de resguardar o estado da consciência, transfigurando desse modo, a consciência em conhecimento. Os escritos permanecem e as escritas íntimas propriamente ditas devem assegurar uma comunicação de si para si. Por isso, define a memória autobiográfica como “[...] *la mémoire de l'être en son essence par-delà l'horizon limité des événements.*” (GUSDORF, 1991b, p.481). Enfim, o crítico aponta a ligação íntima e dialética que a memória estabelece entre o passado e o presente, mantendo-os sob um estado de equilíbrio e não de preponderância de um sobre o outro. Lembra que é próprio das lembranças ressurgirem desordenadamente, uma vez que essas são selecionadas pela memória segundo um critério intrinsecamente relacionado com os momentos mais relevantes da nossa existência. Tal observação leva a refletir acerca da questão do tempo, tema primordial nos textos da literatura íntima.

Gusdorf expõe que a linha da vida não se faz em uma progressão regular conforme a ordem cronológica, indo do passado para o futuro. Há uma intercomunicação entre os três tempos, podendo as experiências passadas ressurgir do presente assim como o futuro pode atuar sobre o passado, e o passado influir sobre o futuro de modo negativo ou positivo. “*De là ce paradoxe que l'expérience existentielle pour accéder à la plénitude de ce sens ne s'accomplit pas dans le présent; elle prend ses véritables proportions dans l'écoulement du temps, qui l'incorpore peu à peu au vécu global.*” (GUSDORF, 1991b, p.457). Reitera Gusdorf que a linha da vida não é reta em razão dos desvios, das idas e voltas em busca da apreensão do sentido, o qual jamais pode ser captado de uma vez por todas. Desse modo, as dimensões do tempo vivido se realizam num imbricamento dos momentos passados, presentes e futuros que se sobrepõem uns aos outros em virtude de afinidades que nada têm a ver com a lógica da cronologia temporal.

Para Gusdorf, até mesmo quando vivemos o presente, não somos capazes de vivenciá-lo, ou melhor, de compreendê-lo em sua intrínseca complexidade. Necessitamos de um certo recuo antes que um fato novo, atual, se incorpore na

perspectiva de nossa vida. Proust também discorre, em *A l'ombre des jeunes filles en fleur*, a respeito dessa evidência. Para ele, é necessário um distanciamento ou um recolhimento interior a fim de que se possa sentir e perceber melhor um determinado momento, como por exemplo, o contato com o ser que se ama: “*Ce qu'on prend en présence de l'être aimé n'est qu'un cliché négatif, on le développe plus tard, une fois chez soi, quand on a retrouvé à sa disposition cette chambre noire intérieure dont l'entrée est condamnée tant qu'on voit du monde.*” (PROUST, 1987, p.707).

O crítico esclarece ainda que, na volta ao tempo dada pelo autobiógrafo, incide sempre o seu ser presente, citando como exemplo o caso de Santo Agostinho. Adulto, já consagrado bispo de Hipona, Agostinho se lembra de sua juventude não como uma época prazerosa, mas sim de concupiscência, porque, enquanto representante da Igreja, possui uma moral que condena a vivência passada. Fato que acarreta, para o indivíduo, a possibilidade de retratar positiva ou negativamente sua vida, sob a luz nova do presente. De certo modo, as imagens armazenadas na memória não reproduzem o passado tal qual ocorreu, sendo, portanto, inevitável revestir esse tempo com a roupagem do presente. Isso implica, às vezes, em uma certa deformação, pois o passado nunca pode ser restituído com a fidelidade de seus contornos originais. Portanto, por mais sincera que seja a intenção de um autobiógrafo de reproduzir os fatos de ontem, não poderá realizá-lo com total sucesso: como afirma, “*la totale sincérité nous est interdite.*” (GUSDORF, 1951, p.212).

A autobiografia deve ser assim interpretada como uma “*caixa de ressonância*” que repercute no presente, orquestrando as notas do passado e do futuro. Por essa razão, não se pode dizer que apenas o tempo transcorrido seja o mais importante. Cabe aos estudiosos das escritas do eu não se deter somente nos aspectos retrospectivos dos relatos de vida, mas também nos prospectivos, pois o tempo nos textos das escritas do eu não deve ser visto como um tempo morto, tratado ao modo de escavações arqueológicas. Aquele que narra seu passado o faz no presente, marcado pela perspectiva do momento que age sobre o modo de se lembrar. Não se trata, portanto, de uma ordem exterior, e sim de uma ordem interior que rege o tempo do autobiógrafo. Nesse sentido, o passado não é uma matéria estática que existe em si e por si, mas uma “*matéria plástica*” que é remodelada segundo a percepção e os impulsos daquele que dela se serve para contar a história de sua vida. Não se pode falar de dados concretos e objetivos a respeito dessa matéria. Gusdorf não contesta o fato de que uma determinada situação vivida não contenha referências históricas e geográficas e

traços específicos, porém, para ele, é o sujeito que interpreta esses elementos a partir de seus sentimentos e de sua subjetividade no momento no qual escreve.

Se por um lado o passado se apresenta como um horizonte indeterminado, o presente também o é; a consciência capta o momento sob influência de forças conscientes e inconscientes que impedem o sujeito de compreender e de apreender sua presença no mundo, bem como o conteúdo de sua própria essência. Tudo, para Gusdorf, se concentra na figura do sujeito cuja consciência individual abarca as dimensões do espaço e do tempo. “*Le temps universel n’est qu’une figure de pensée: il n’existe vraiment que des êtres individuels, dont chacun recrée pour son propre compte les schémas de l’histoire universelle.*” (GUSDORF, 1990, p.98).

Resta dizer para concluir a questão do tempo que, para o crítico, o homem ao contar sua vida, acaba por reproduzir uma “*mitistória*” romanceada, mais verdadeira que sua história real. Assim, a autobiografia não é uma recapitulação daquilo que se foi, mas uma recriação dos fatos sob a ótica dos três tempos conjugados entre si dentro da alma do sujeito.

*Le temps de l’autobiographie n’est pas un temps géométrisé, continu et homogène. Son devenir défie la géométrie et la nécessité, il accepte la loi de l’improbable et du gratuit, les coïncidences inattendues, les démentis et les retours en arrière; il dessine des arabesques, au mépris du grand axe de la chronologie, autour du foyer ontologique de l’être personnel, selon qu’il s’en approche ou s’en écarte au fil des jours.* (GUSDORF, 1991b, p. 477).

Uma última questão a ser tratada para completar a análise dos elementos essenciais com os quais Gusdorf constrói sua definição das escritas do eu é a dos gêneros que abarcam esse tipo de textos, principalmente o diário e as memórias. Em primeiro lugar, vale dizer que toma a autobiografia como objeto principal para, através de comparações, definir os dois outros gêneros afins. De antemão, declara que todos esses gêneros fazem parte de um campo mais amplo e podem coexistir numa mesma obra, não se excluindo obrigatoriamente. Sem querer entrar em detalhes, verificaremos quais são as distinções estabelecidas por ele, a começar pelo diário.

A própria concretude do objeto “*portátil*” do diário, que normalmente acompanha o autor onde quer que ele vá, revela o caráter de instantaneidade que o diferencia de uma autobiografia. O diário revela uma estrutura fragmentada, efêmera, pois não expõe a verdade de uma vida na sua totalidade nem na sua cronologia – pode começar e acabar em qualquer momento –, mas constrói uma tomada de consciência que se faz lentamente a partir da realidade trivial

do cotidiano, de ideias esparsas, intermitentes, distantes umas das outras na linha do tempo. A forma de escrever e a natureza das questões abordadas são também “*excêntricas*” já que seguem o estado de espírito idiossincrático de seu autor. Variam de acordo com seu humor e, com isso, imprimem ao texto um sabor de leveza, de displicência, característico da adolescência, idade do conflito. “*Tout ce potentiel, cet irréel du présent, ce futur éventuel s’écrit au jour le jour dans le journal, au bénéfice de l’ignorance de ce qui va suivre.*” (GUSDORF, 1991a, p.318).

Em resumo, o diário está ao alcance de todos: em algum momento da vida, o sujeito escreve sobre os acontecimentos de sua existência, sem com isso, ser necessariamente um grande escritor. Esses escritos nem sempre se tornam uma verdadeira obra no sentido literário da palavra. Constituem, muitas vezes, apenas fragmentos de uma vida nos quais seu autor se contenta em fixar alguns instantes da memória sem se comprometer profundamente com o futuro, isto é, expondo a realidade auto suficiente do indivíduo em seu estado primitivo. Assim, “[...] *le journal poursuit une recherche fragmentaire, vérité du sujet, vérité du monde, vérité des hommes et des choses.*” (GUSDORF, 1991a, p.329).

No que diz respeito às memórias, o próprio termo indica uma característica fundamental do gênero: os acontecimentos são reconstituídos a partir da lembrança, ou seja, há “[...] *une récapitulation, une mise en mémoire des événements dont l’auteur a eu personnellement connaissance.*” (GUSDORF, 1991a, p.251). Gusdorf destaca que o eu desse relato de vida prioriza não a história de sua vida íntima mas a contextualiza no ambiente no qual se insere. Desse modo, esse sujeito se define a partir de elementos como a família, o país, as ligações ideológicas, o mundo profissional, enfim, tudo aquilo que concerne mais à sua vida pública. Não se trata, para o memorialista, de se isolar a fim de encontrar sua identidade, pois não vive o conflito dessa busca. Assume plenamente seu eu íntimo dentro da sociedade onde quer ser e quer mostrar seu papel social de destaque entre os outros.

Em outras palavras, as memórias têm um caráter “*cosmocêntrico*”. Não se pode dizer que os estados de alma e as motivações íntimas do sujeito não são expressos nas memórias, mas essa subjetividade nunca consegue dominar a história objetiva dos acontecimentos dos quais tomou parte. Diante disso, é imprescindível que tal relato se submeta à cronologia dos fatos que explica e refaz a trajetória pública do indivíduo controlada pelas exigências externas, muito mais do que pelas necessidades interiores. Assim, “[...] *l’auteur des*

*mémoires contribue à l'histoire de son époque plutôt qu'à la sienne propre; son histoire personnelle s'inscrit dans l'histoire générale et objective.*" (GUSDORF, 1991b, p.468). Contudo, o memorialista não é um historiador, apenas dá testemunho da história, ou melhor, de uma história da qual participou ativa ou passivamente. Nesse sentido, Gusdorf entende que as memórias representam uma crônica pessoal do devir histórico.

Para concluir essa questão, vale notar que, para Gusdorf, as fronteiras que separam os gêneros não são precisamente delimitadas, nem rigorosamente fixas. E tal fato não tem importância, já que o interesse maior do crítico recai sobre a manifestação da humanidade que os textos do eu expressam. Todos têm o mesmo objetivo: revelar o ser. Por essa razão, não se excluem, bem ao contrário, se complementam. Por exemplo, seria vão querer opor, a partir de categorizações teóricas, as memórias à autobiografia dada, muitas vezes, a sua coexistência. De fato, é impossível ao sujeito contar a vida de sua história pessoal sem aludir à vida pública ou ao universo no qual está inserido e, do mesmo modo, não poderia o memorialista narrar sua vida pública sem adentrar a sua intimidade.

A discussão proposta nesse artigo parece não ter fim. Poderíamos refletir muito mais ainda sobre toda a complexidade que Gusdorf aponta nas escrituras do eu. Contudo, os limites deste trabalho nos impõem finalizar aqui. Para tanto, queremos registrar um pensamento do autor que possa recuperar todas as nossas observações acerca de seus estudos sobre o eu:

*J'écris, donc je suis. J'écris, donc j'ai été; j'écris, donc je serai. L'écriture consolide cette ombre que je suis, elle lui assure une consistance, une permanence, en dépit de l'écoulement du temps. Je me raconte à moi-même la légende de ma vie, ma part du monde, ma part de vérité, non pas de vérité selon le monde, mais de vérité selon moi. Parcours de songe, substitué à l'histoire de la vie. Mythistoire.* (GUSDORF, 1991, p.490).

## **Georges Gusdorf and the autobiography**

**ABSTRACT:** Considering the premise that there are few theoretical reflections in the Portuguese language, concerning the autobiography as a genre, we propose to present a work addressing this issue by discussing the writings of George Gusdorf (1912-2000). One of the most expressive French scholars on this field, alongside Philippe Lejeune and Jean George May, and Starobinsky, Gusdorf stands out for his vast production centered on theoretical issues concerning the writings of the self. The study presented here aims at disseminating Gusdorf writings in Brazil, as well as presenting a critical analysis of

Brigitte Monique Hervot

*the most pertinent issues related to the autobiographical genre, including aspects such as its origins, the blurred boundaries of genre, truth and sincerity, the relations between time and memory, self-knowledge and knowledge of the world.*

**KEYWORDS:** *Georges Gusdorf. Autobiography. Writings of the self.*

## REFERÊNCIAS

DARAKI, M. Identité et exclusion en Grèce ancienne. In: \_\_\_\_\_. **Individualisme et autobiographie en Occident.** Centre Culturel International de Cerisy-la-Salle. Bruxelles: Ed. de l'Université de Bruxelles, 1983. p.15-25.

GUSDORF, G. **Lignes de vie I. Les écritures du moi.** Paris: Odile Jacob, 1991a.

\_\_\_\_\_. **Lignes de vie II. L'auto-bio-graphie.** Paris: Odile Jacob, 1991b.

\_\_\_\_\_. Condiciones y limites de la autobiografía. **Suplementos Antropos,** Madrid, n.29, p.9-20, 1991c.

\_\_\_\_\_. L'autobiographie, échelle individuelle du temps. In: \_\_\_\_\_. **Leituras do tempo.** Lisboa: Universidade Internacional, 1990. p.85-108.

\_\_\_\_\_. De l'autobiographie initiatique à l'autobiographie genre littéraire. **Revue d'Histoire Littéraire en France,** [S.l.], n.6, p.957-1002, 1975.

\_\_\_\_\_. **Mémoire et personne.** Paris: PUF, 1951.

MAY, G. **L'autobiographie.** Paris: PUF, 1979.

PROUST, M. **A l'ombre des jeunes filles en fleur.** Paris: Robert Laffont, 1987.

ROUSSEAU, J.-J. Les confessions. In: \_\_\_\_\_. **Œuvres complètes.** Edition établie par Bernard Gagnebin, Marcel Raymond et Robert Osmont. Paris: Gallimard, 1959. (Bibliothèque de la Pléiade, 1). p.325-517.

